

Michel Agier

# ANTROPOLOGIA DA CIDADE

lugares, situações, movimentos

**Tradução**

Graça Índias Cordeiro

**Prefácio à edição brasileira**

Graça Índias Cordeiro

Heitor Frúgoli Jr.

**TI TERCEIRO NOME**

## PREFÁCIO

O presente livro de Michel Agier sintetiza um itinerário abrangente de pesquisas etnográficas, cujo conjunto de artigos e entrevistas dentre outros temas revela, como indica o título, uma antropologia da cidade.<sup>1</sup>

Além da importância em si da publicação em português da presente obra – ao propiciar um aprofundamento significativo nesse campo antropológico –, pode-se também sublinhar nesses escritos aspectos relevantes do olhar do autor sobre o contexto brasileiro – cujo ponto de partida foi o bairro da Liberdade, em Salvador, cidade pesquisada durante sete anos e pela qual o autor manifesta preferência.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> A respeito desse tema, ver (sem pretender cobrir todos os autores relevantes): Durham (2004 [1986]), Velho (1999), Agier (1999), Magnani (2002), Cordeiro (2003), Frúgoli Jr. (2007), Eckert (2010).

<sup>2</sup> “*Je crois pouvoir dire sans hésitation que ma ville préférée, c’est Salvador de Bahia.*” “*Je crois que c’est vraiment à Salvador que j’ai commencé à aimer les villes.*” (Agier, jan.-fev./2010, p. 80). Em Salvador, Agier morou em quatro bairros distintos ao longo de sua experiência etnográfica (2004, p. 25).

Tal pesquisa constitui parte assinalável de uma trajetória iniciada em Lomé (Togo) e Douala (Camarões), contextos africanos cujos achados definiram interesses específicos nos enfoques posteriores realizados na Bahia (Agier, 1983, 1999 e 2004).

Em Lomé, o mapeamento inicial exigiu uma orientação sobre um espaço desconhecido, para além da aparente simplicidade de um bairro com seus bares, *dancings* e pequenos comércios, já que para o autor a localidade jamais é uma questão evidente, ou seja, o espaço constitui um desafio simultaneamente prático e teórico (Agier, 2004, p. 19). Isso resultou na circunscrição de uma pesquisa sobre um “bairro étnico” (*quartier ethnique*), o Nouveau Zongo, que abrigara desde o final do século XIX imigrantes haoussa (vindos da Nigéria e do Níger), com tradição em práticas comerciais e, posteriormente, imigrantes togolezes. Tal bairro foi submetido nos anos 1970 a um processo de “reurbanização”, que levou parte dessa população a residir em áreas urbanas longínquas e limítrofes, mas que também ensejou processos posteriores de recomposição social através de festas e rituais, o que ocasionou inclusive o surgimento do “zongolês” (*zongolais*), em contraposição ao “togolês” (*togolais*), como uma espécie de neologismo urbano, acionado principalmente entre os mais jovens (Agier, 1999, pp. 65-7). Tal bairro dá visibilidade, portanto, a tensões e ambiguidades ligadas às condições de grande parte de seus moradores – estrangeiros e/ou comerciantes –, bem como a certas relações entre itinerância e sedentarismo.<sup>3</sup>

Nesse contexto, Agier pesquisou detidamente as redes de sociabilidade (mais precisamente, os elos entre sociabilidade e economia)

<sup>3</sup> Num diálogo significativo com temas da abordagem simmeliana, como aponta o próprio autor (Simmel, 1984 [1908] *apud* Agier, 1999, p. 69).

formadas pelos grandes comerciantes haoussa locais. Tais redes têm caráter clientelista, são marcadas pela recorrência à linguagem do parentesco, com forte papel das alianças matrimoniais (e ao mesmo tempo profissionais, entre sogros e genros), entendidas como relações de aliança e eletivas, abertas a uma série de estratégias pessoais (Agier, 1999, pp. 114-8).<sup>4</sup>

Já a pesquisa de Agier em Douala e região ganhou, de certa forma, relevo menor que a anterior em seus escritos posteriores e não será aqui aprofundada. Muito resumidamente, pode-se dizer que em Douala a violência social e a racial das práticas coloniais segregacionistas impuseram muito mais uma inacessibilidade da população a vários espaços do que propriamente um acantonamento territorial. Tal diluição dos limites urbanos teria inclusive levado, segundo o autor, a práticas de confrontação mais individualizadas, frente à dificuldade de se realizar uma síntese indispensável à própria ideia de cidade (Agier, 1999, pp. 80-4 e 119). Ali, a investigação se voltou à observação da aldeia de Bipindi, com atenção especial às representações sobre a profissionalização das crianças locais, numa área assinalada pela produção agrícola em escala industrial voltada à exportação, com investimentos em escolarização e oportunidades de migração, projetos esses reveladores de um mundo imaginário que não apaga, mas renova os pertencimentos étnicos, ao articular a ideia da partida, da viagem e da aventura à do retorno (Agier, 1999, pp. 119-22).

<sup>4</sup> Num âmbito dominado pelos “pais-patrões” (*pères-patrons*), o autor era tratado como “*yaro*” (criança), o que denotaria uma relação de aprendizagem entre o antropólogo e tais nativos (Agier, 2004, p. 82). Quanto à lógica mais abrangente, é interessante perceber certa aproximação com a abordagem de Lévi-Strauss sobre a “sociedade de casas” (mar./2004 [1983]).

Tais experiências levaram à necessidade de uma compreensão mais clara sobre articulações entre etnicidade e territorialidade, fortemente associadas ao quadro urbano moderno e que particulariza uma questão mais abrangente sobre a etnicização dos conflitos sociais (Agier, 2004, p. 25). De Lomé a Salvador,<sup>5</sup> portanto, desenhou-se uma atenção às chamadas regiões morais,<sup>6</sup> formadas por estereótipos e símbolos que condicionariam boa parte das experiências citadinas como marcações imateriais do espaço que permitem pensar as localidades da vida social, e, portanto, fontes constitutivas de investigação etnográfica (Agier, 2004, pp. 27-8). Já em Salvador, pode-se também sublinhar um diálogo significativo de Agier com autores brasileiros, inicialmente no campo da sociologia, em torno de temas como o operariado urbano sob a ótica de trajetórias empregatícias, o espaço citadino, a família e o status social (Agier, dez./1990 e Agier; Castro; Guimarães, 1995). Isso se desdobrou, a partir de um olhar etnográfico mais detido sobre vida cotidiana e as múltiplas facetas socioculturais do bairro da Liberdade, em diálogos fecundos com a antropologia urbana brasileira.<sup>7</sup> Isso ficaria evidente nos enfoques sobre processos de subjetivação, com atenção especial às relações de parentesco e gênero (Agier, 2º sem./1990) e à construção de lugares e redes por parte daqueles que “fazem a cidade” (Agier, 1998).

<sup>5</sup> Salvador foi também submetida inicialmente a um significativo inventário visual – cores das peles, tipos de moradias, centros comerciais, igrejas, templos, odores, circuitos do carnaval etc. (Agier, 2004, p. 26).

<sup>6</sup> Sobre o tema, ver Park (1987 [1916]).

<sup>7</sup> Nos artigos a seguir, pode-se mencionar autores como Roberto DaMatta, Eunice Durham, Cláudia Fonseca, José Guilherme Magnani, Ruben Oliven, Gilberto Velho e Alba Zaluar.

Ambos os textos dão visibilidade a aspectos significativos das interações nas “avenidas” – designação nativa (e irônica) para as ruas estreitas formadas pelas casas, de uso exclusivo dos pedestres<sup>8</sup> –, como a abordagem sobre as estratégias de sobrevivência articuladas pelas mulheres das chamadas famílias “matricentradas” (ou matrifocais), que podem ser entendidas como famílias “parciais”; cuja inserção em redes mais ampliadas de parentesco revela, além da própria precariedade do laço conjugal, estratégias relacionais femininas que passam tanto pelo estreitamento dos laços consanguíneos (envolvendo em geral famílias ditas “equilibradas”, com membros com empregos mais estáveis) como por várias modalidades de apadrinhamento (Agier, 2º. sem./1990).

Tal “familiarismo (feminino)” se contraporía ao “localismo”, domínio de sociabilidade predominantemente masculino, etnografado inicialmente por Agier nos jogos de futebol locais, cujas turmas ali formadas se conectam a outros espaços como bares, esquinas, portas de casa de alguns participantes de tais turmas, bem como a outros domínios do lazer como idas à praia, passeios de carro e piquenique, quadrilhas de São João, grupos de samba e formação de blocos carnavalescos – a formação do Ilê Aiyê, como se verá a seguir, tem um peso fundamental na abordagem (Agier, 1998, pp. 57-9). É nesse contexto que se pode falar das redes de sociabilidade alargada (*sociabilités élargis*), entendidas como formas mais amplas de relação, com base em vínculos de parentesco (incluindo o prático ou fictício), vizinhança, lazer ou associativismo. Nessas redes, estabelecem-se níveis intermediários de vida social, situados entre o mundo doméstico e as instituições ou macroestruturas mais abran-

<sup>8</sup> Ver detalhes no Capítulo 4 do presente livro.

gentes (incluindo as empregatícias) e estabelecidos através de uma sucessão mediada de proximidades sociais e incluindo uma margem considerável para escolhas eletivas (Agier, 1999, pp. 110-23).<sup>9</sup>

Tais redes masculinas parecem revelar o modo mais evidente pelo qual se articula o plano local do bairro da Liberdade, bairro com as maiores dimensões urbanas de Salvador. Todavia, Agier aponta-lhes uma territorialidade ainda bastante concentrada, distinta das femininas, que, com base no cenário já apresentado, mostram-se, para além do quadro doméstico e do bairro, circulando em espaços mais esparsos (envolvendo parentes, amigas e clientes) e revelam-se mais mediadoras e abertas à alteridade, e, nesse sentido, mais urbanas (Agier, 1998, p. 61).

Outro artigo, ainda sobre a experiência em Salvador, abordou o tema das redes, principalmente daquelas pautadas pela globalização acelerada de situações locais, com base nos percursos do grupo carnavalesco Ilê Aiyê, surgido na Liberdade e um dos responsáveis pela africanização do carnaval baiano (Agier, out./2001). O foco volta-se aqui a aspectos de empreendimento identitário presentes na projeção ampliada de tal bloco, com um papel crucial desempenhado por vários intermediários culturais, que operariam concomitantemente na busca de reconhecimento social (no contexto local) e étnico (no plano global). Tal busca resulta numa espécie de essencialização estratégica assinalada por um forte paradoxo, uma vez que os negros “africanizados” da Bahia seriam, em última instância, “mestiços culturais” (p. 17).

<sup>9</sup> Cujá ampliação incessante levaria, numa perspectiva totalizante, à própria compreensão da cidade enquanto “rede das redes” (Hannerz, 1983, *apud* Agier, 1999, p. 110).

Tal artigo dialoga com o livro baseado em sua pesquisa em Salvador (1990-1996), *Anthropologie du carnaval* (2000), também centrado numa densa e detalhada etnografia sobre o Ilê Aiyê, na qual “teoria e empiria [...] combinam-se de maneira elegante e enriquecedora” (Hermano Vianna, abr./2001, p. 165). O Ilê Aiyê é um fenômeno decisivo na história do carnaval soteropolitano, cujas polêmicas demarcações de quem seria ou não negro (com vistas à participação no bloco) passariam, sobretudo, pelos vínculos com um universo relacional e afetivo denso, atravessado por certas formas de distinção social (p. 166). Ser negro, no sentido do neotradicionalismo urbano criado pelo Ilê Aiyê, corresponderia a uma modalidade de posicionamento social (p. 167) e o carnaval poderia ser pensado como uma “máquina identitária”, que não abole propriamente as fronteiras da vida ordinária tampouco fortifica os limites já existentes nela, mas os deforma, com possíveis consequências na vida não carnavalesca (p. 167).

Tal livro certamente ajudou a compor outra publicação referencial no campo da antropologia da cidade, *L'invention de la ville* (1999), que Agier assume como o início da sua proposta mais sistemática de uma “etnologia cidadina” e de uma “antropologia da cidade” (pp. 11 e 16). Essa publicação constitui uma espécie de projeto retomado no presente livro,<sup>10</sup> de forma atualizada e ampliada.

Sua trajetória de investigações prosseguiu pelo contexto latino-americano, em Tumaco e em Cali, na Colômbia,<sup>11</sup> onde o autor teve suas primeiras experiências etnográficas com deslocamentos forçados ocorridos na região após 1997, decorrentes do

<sup>10</sup> Ver Capítulos 3, 4 e 5.

<sup>11</sup> Ver Capítulos 1, 4 e, principalmente, 7.

agravamento dos conflitos naquele país (Agier, 1999). Essa temática ganhou um relevo significativo em seus estudos posteriores, com a multiplicação de pesquisas sobre vários tipos de campos de refugiados (Agier, 2008a) e um espraiamento de contextos pesquisados, concentrados novamente na África – numa outra perspectiva e com abordagens renovadas.<sup>12</sup>

Sua perspectiva de antropologia urbana, em diálogo com os africanistas da Escola de Manchester<sup>13</sup> e com a Escola de Chicago,<sup>14</sup> com uma inserção num campo peculiar de estudos antropológicos franceses sobre a cidade, além de suas abordagens sobre identidades culturais urbanas em contextos de globalização,<sup>15</sup> despertaram, em seu conjunto, uma aproximação do autor com o mundo lusófono, dessa vez com pesquisadores da cidade de Lisboa (ISCTE e FCSH-UNL)<sup>16</sup> nos campos antropológico e sociológico.

Isso se concretizou sob a forma de um convite para que o autor participasse do Programa Internacional de Doutorado em Antropologia Urbana, organizado pelo ISCTE em conjunto com a Universidade Rovira i Virgili, em Tarragona, que, desde 1989, tinha um doutorado em andamento com essa designação. Agier propôs a cadeira “Cidades incertas”, ministrando-a nas edições do curso de 2004 e 2005. Voltou ainda em 2005 para participar do

<sup>12</sup> Ver Capítulos 5, 9 e, principalmente, 6.

<sup>13</sup> Incluindo certa crítica ao pensamento estruturalista (Agier, 2006, p. 134).

<sup>14</sup> Tomando parte de uma incorporação seletiva da mesma na França a partir dos anos 1980 (Grafmeyer; Joseph, 1984).

<sup>15</sup> Ver o artigo de António Firmino da Costa (2002).

<sup>16</sup> Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (atual ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa) e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

colóquio “O lugar da rua: cidade, tempo, sociabilidade”,<sup>17</sup> com antropólogos urbanos e historiadores de diferentes nacionalidades (norte-americana, francesa, catalã-espanhola) e tradições teóricas e metodológicas, que marcou assim uma certa aproximação, em Portugal, entre antropologia e história, mais precisamente entre a etnografia e a microanálise histórica.

Tal colóquio resultou numa interessante coletânea (Cordeiro; Vidal, 2008) que toma a rua como lugar estratégico de observação da vida cidadina, através do exame minucioso de realidades concretas; e o artigo de Agier (2008b, pp. 17-25), que abre a coletânea, baseado em etnografias em andamento em campos de refugiados africanos (e a reconstituição de seus percursos), traz um enfoque aparentemente distante do tema em questão, mas cujas relações se tornam mais claras à medida que os argumentos se desdobram. É que a observação sistemática de diversos campos de refugiados propicia a abordagem de uma nova modalidade de espaços marginais e liminares que, embora concebidos espacial e simbolicamente como “fora da cidade”, envolvem a constituição de novos mundos sociais – não apenas a reprodução de mundos étnicos preexistentes –, por meio de rituais de fundação e de inscrição material em dado local, em espaços que geram a sua própria dinâmica, apesar de todo o controle institucional inerente ao chamado sistema humanitário. Isso revela, portanto, práticas e linguagens políticas que merecem maior atenção, e que as aproximam da ideia – já mencionada – dos cidadãos cujas ações fazem a própria cidade.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Encontro pluridisciplinar e internacional ocorrido entre 18 e 19/11/2005 no Auditório Afonso de Barros, ISCTE, organizado por Graça Índias Cordeiro e Frédéric Vidal, com apoio da FCT (FAAC), Fundação Calouste Gulbenkian e FLAD.

<sup>18</sup> Ver O'Donnell (abr./2009) e Frúgoli Jr. (out./2009).

Como afirmou Agier em entrevista concedida à antropóloga portuguesa Susana Durão (2006), há algo na pesquisa urbana que talvez não se apreenda noutra parte (p. 138); o contexto relacional produzido nas cidades, com suas descontinuidades e territorialidades próprias, não corresponde apenas à justaposição de culturas (p. 139); é preciso, portanto, observar e relacionar as situações de interação nos seus respectivos contextos, com vistas a uma compreensão mais detida sobre a cultura das cidades (p. 140).<sup>19</sup>

Voltando ao Brasil, um novo campo de contatos acadêmicos<sup>20</sup> se estabeleceu quando da vinda de Agier ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo em 2010, para uma palestra numa Sexta do Mês – evento organizado pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social –, intitulada “Da etnografia urbana à antropologia da cidade: introdução às situações africanas e latino-americanas”.<sup>21</sup>

Após essa apresentação sintética dos itinerários de pesquisa do autor, entrelaçados nesses escritos às suas relações com o mundo da língua portuguesa, pode-se agora adentrar um pouco mais detalhadamente na estrutura do presente livro.

<sup>19</sup> Ver Capítulo 7.

<sup>20</sup> Sem a pretensão de cobrir, neste texto, todas as relações acadêmicas de Agier com pesquisadores brasileiros, que certamente transcendem o que está aqui relatado.

<sup>21</sup> Da qual participaram os professores Heitor Frúgoli Jr. e José Guilherme Magnani e o doutorando Guilherme A. Aderaldo. O texto-base da sua fala foi a introdução do presente livro. Nessa ocasião, Agier também concedeu uma entrevista para Janaína Damasceno, Isabela Oliveira Pereira da Silva, Natália Helou Fazzioni, Guilherme André Aderaldo (doutorandos e mestrandos do PPGAS) e Heitor Frúgoli Jr., a ser publicada na *Revista de Antropologia da USP* (“Sobre lugares e situações: entrevista com Michel Agier”).

Para compreender antropologicamente a cidade é preciso esquecer a cidade. Esse é um dos pontos de partida deste livro, que se propõe a conhecer as cidades a partir dos cidadãos e de sua experiência cotidiana, de seus lugares de vida e situações concretas – dos bairros, das ruas, das redes de sociabilidade, das dinâmicas identitárias apreendidas *in situ*, através da pesquisa direta que dá visibilidade ao que não se vê, não se sabe nem se imagina. É esse o ponto de vista do antropólogo que produz um tipo de conhecimento que vai se desenvolvendo em sintonia com as “práticas, relações e representações dos cidadãos que ele observa diretamente e em situação”, criando aquilo a que o autor chama de *cidade bis* (Introdução). Projeto de conhecimento urbano fundado na pesquisa etnográfica – relacional, local e micrológica – que, longe de ser um obstáculo à constituição de uma antropologia da cidade é, efetivamente, o que a torna possível.

O que pode parecer um pouco paradoxal é, efetivamente, a pedra de toque do presente livro que nos apresenta, com limpidez e elegância, uma reflexão amadurecida sobre uma longa experiência de pesquisas etnográficas em contextos urbanos de grande precariedade, por África, América do Sul, Mediterrâneo. Essa reflexão chama a atenção para as mudanças que fazem desses contextos frágeis o epicentro do mundo urbanizado contemporâneo, relembrando que não podemos partir dessas totalidades inacessíveis de um ponto de vista empírico – a “grande cidade”, o “urbano global”, a “metrópole”, a “urbanização desterritorializada” – nem podemos partir de uma definição normativa de “cidade”, sempre muito colada a modelos europeus e ocidentais.

Lugares, situações e movimentos são três modos de entrar na cidade, janelas de observação para conhecer, de forma dinâmica,

a sua vida, estratégias etnográficas para pensá-la teoricamente. Essa trilogia dá corpo a uma proposta que defende não apenas a possibilidade, mas a absoluta necessidade e utilidade de um saber antropológico sobre a cidade baseado no conhecimento a partir de baixo, “de perto e de dentro”, como diria José G. Magnani (2002). A cidade deste livro, a cidade de Michel Agier, não é, pois, uma abstração teórica, generalizadora, não surge de modelos predefinidos, é sim uma cidade relacional e situacional que parte dos lugares e dos cidadãos que caso a caso produzem movimentos e dinâmicas socioculturais específicas e originais. É a cidade em processo, a cidade viva e imprevisível de todos nós que aqui está em foco, a cidade que engloba as muitas e variadas cidades que, independentemente de sua materialidade, de sua história, de sua, por vezes, extrema pobreza, estão na base de um projeto de antropologia urbana mais preocupada em compreender o que esses ambientes urbanos produzem de novo do que em inventariar o que vai desaparecendo, como alguma antropologia conservadora faz.

Nesse sentido, essa “antropologia da cidade” avança, de forma inequívoca, na valorização da etnografia urbana, tanto para fora da antropologia – alimentando a construção do conhecimento das cidades contemporâneas no âmbito daquilo que, de uma forma ousada, poderíamos designar como ciências urbanas – como para dentro, enriquecendo a própria disciplina, teórica e metodologicamente, tomando as cidades como “lugares estratégicos para pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade” (Hannerz, 1999, 154, citado na Introdução).

As ideias-chave dessa antropologia social e simbólica dos espaços contemporâneos são sintetizadas na introdução com uma clareza

que não deixa margens para dúvidas e ambiguidade: deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadãos, alterando a própria problemática. Em vez de nos perguntarmos “o que é a cidade?” devemos perguntar “o que faz a cidade?”. Já não é a cidade como essência ou norma que interessa, mas a cidade como “processo humano e vivo cuja complexidade é a própria matéria para a observação e interpretação” (Introdução).<sup>22</sup>

O livro, composto de nove capítulos cujos textos, agora revistos e atualizados, foram publicados ao longo dos últimos doze anos sob a forma de artigos, capítulos de livros e entrevistas, retoma o projeto iniciado com a publicação de *L'invention de la ville*. Organiza-se em três partes, “diferentes e convergentes”.

A primeira, “A cidade dos antropólogos”, inclui uma reflexão pessoal, em entrevista, sobre aquilo que se pode designar como “antropologia urbana da mudança social”, centrada nas ideias mestras de cidade relacional, cidade cultural, cidade situacional, resgatadas por observações diretas, de primeira mão, devidamente contextualizadas na busca dos vários sentidos que produzem (Capítulo 1), seguido de dois capítulos teóricos e metodológicos fundamentais, porque estruturantes do livro e do projeto de que ele dá conta (2 e 3). Mais do que apenas reflexões, esses textos são excelentes roteiros de investigação, prática e teórica, uma vez que discutem e problematizam, histórica e epistemologicamente, noções, conceitos e recortes etnográficos cruciais para a prática,

<sup>22</sup> A construção de um olhar humanizado sobre a cidade tem sido, aliás, uma das bases do desenvolvimento da antropologia urbana, desde os seus primórdios (ver Gulick, 1989).



teoricamente enquadrada, da pesquisa urbana. O enfoque metodológico é claro, baseando-se num conjunto de referências incontornáveis da “tradição da antropologia urbana” (Feixa, 1993) e, sobretudo, no “indispensável” Hannerz, retomando a sua “teoria do vivido urbano” (1983, Capítulo 3) com a conhecida tipologia em cinco domínios de vida social, repertórios de papéis e “implicações situacionais” (*engagement situationnel*) para a elaboração de uma tipologia de situações com um óbvio interesse, nessa busca incessante da cidade relacional e situacional: ordinárias, extraordinárias, de passagem, rituais.

O Capítulo 2 desta primeira parte, “Os saberes urbanos da antropologia”, merece um destaque especial, por retomar alguns pressupostos teóricos e metodológicos cruciais na definição de um projeto de antropologia urbana, ou da cidade, iniciado há mais de dez anos e que ganhou uma visibilidade indiscutível com o livro *L'invention de la ville* (1999). Originalmente publicado em 1997 na revista *Enquête*, dedicada ao tema – “La ville des sciences sociales”,<sup>23</sup> este artigo insere-se numa notável compilação publicada sob o impulso de Michel Agier e do historiador, prematuramente falecido, Bernard Lepetit, que acompanharam igualmente o programa com o mesmo nome que se desenvolveu na École de Hautes Etudes en Sciences Sociales, também por Christian Topalov<sup>24</sup> e Jean-Charles Depaule.<sup>25</sup> Nesse texto, uma das questões fundamentais trabalhadas pelo autor articula-se às estratégias da etnografia urbana – e a

<sup>23</sup> Ver detalhes em <http://enquete.revues.org/sommaire633.html>.

<sup>24</sup> Faz parte deste volume um pequeno texto inicial de Christian Topalov sobre o seu fascinante projeto “As palavras da cidade”, cujo resultado acaba de ser publicado sob o título *L'aventure des mots de la ville* (Topalov et al, 2010).

<sup>25</sup> Ver nota 3 da Introdução.

sua relação com uma possível teoria antropológica sobre a cidade. Essa é, sem dúvida, uma velha questão fundadora da própria antropologia urbana – a relação entre a parte e o todo. Como é que o antropólogo consegue passar do conhecimento empírico baseado na observação etnográfica, microssocial, em espaços de intercâmbio pessoal e direto, sempre restritos, a um conhecimento teórico inclusivo da cidade e da totalidade urbana? Como é que a “antropologia consegue construir uma reflexão e uma metodologia centrada no indivíduo inserido em espaços socialmente e culturalmente heterogêneos, sem abandonar suas próprias questões fundadoras relativas à organização social e à unidade cultural dos povos” (Capítulo 2)? Os conceitos intermediários então propostos – região, situação, rede – avançam relativamente à discussão urbano-antropológica sobre as unidades etnografáveis permitindo essa articulação entre a microperspectiva social, mais individualizada, própria da etnografia, e a representação totalizadora da cidade e da sociedade urbana. São três noções que abrem janelas de reflexão sobre a cidade e que são agora reelaboradas, de certa maneira, nesta trilogia mais completa e inspiradora da presente publicação, que apresenta uma cidade feita de lugares, situações e movimentos integrando, na sua complexidade, a vertente cultural bem na interseção das várias dimensões que a constituem: espacial, relacional, reticular, situacional.

A segunda parte, “Lugares e fragmentos: a cidade em processo”, discute os territórios urbanos em várias escalas. A dimensão familiar, parte essencial da vida de qualquer cidade que permite a “ancoragem social mínima de cada um”, leva-o ao caso de Salvador da Bahia (e, sobretudo, ao bairro da Liberdade) através de uma verdadeira “etnologia das vielas”, que permite “olhar” a cidade in-

visível, aquela que se vive mas que não se vê, perceber a rua “como um espaço de relações, de memória e de identificação”, destacar as diferenças de gênero nas concepções do lugar, a “costura entre espaço e trajeto”, a relação entre lugar e não lugar (Capítulo 4). A discussão do “zoneamento como espaço de negação da cidade” conduz à crítica do urbanismo funcionalista e totalitário que pensa e concebe a cidade em zonas especializadas, contrariando a ideia de cidade como espaço comum, convivial, de troca e encontro que historicamente se vai fazendo, contrapondo a ideia de urbanismo como processo participativo, “farol da democracia participativa” (Capítulo 5). E, ainda, o dramático exemplo dos campos de refugiados, campos-cidade que, um pouco por todo o mundo, concretizam a inquietante associação entre guerra e humanitário, esses “lugares de fora” (*hors-lieux*) cuja existência dificilmente é reconhecida apesar dos cerca de 12 milhões de refugiados e deslocados que ali vivem, desde o Quênia à Palestina, “cidadinos de uma cidade nua” que vão inventando-a à medida que os anos passam (Capítulo 6).

Finalmente, na terceira e última parte (“Situações e comunidades: a cidade em movimentos”) é a relação entre o processo cultural e o processo urbano que está em causa, trabalhado a partir de vários casos (carnavais, teatro de rua, festas, imaginários, lendas, visões) em diferentes contextos nacionais e regionais (Capítulos 7 e 8), com uma entrevista final (Capítulo 9), que sintetiza de um modo simples e direto, sem retórica – no estilo próprio do autor –, alguns dos elementos fundamentais deste seu projeto. Como se elabora a cultura dos cidadãos? A cidade é apresentada como verdadeiro dispositivo cultural, um cadinho no qual os encontros, as fusões, as tensões, os conflitos produzem cultura num jogo complexo em

que as situações fazem comunidades. Alguns elementos podem ser identificados: um interesse particular pelo “momento da própria criação cultural”, contrariando as “tradicionais” concepções antropológicas de cultura, processo este que deve ser analisado a partir das “situações reais de interação” e dos “significados” atribuídos pelos intervenientes; uma particular atenção às “configurações locais das relações, tensões e conflitos” que produzem “invenções culturais e construções identitárias” específicas; a ação política na rua, o ritual, tudo o que nasce da conjunção de “um espaço, um momento, uma situação”, as “comunidades do instante”; e, finalmente, uma atenção muito particular à ideia forte de limiar, de interstício, de espaço entredois, como lugar que potencializa a liberdade, a criatividade, a imaginação ritual, a tomada de palavra, a criação de novas comunidades e identidades: “A antropologia das emergências, do contemporâneo, é a que vai descobrir o que nasce, o que se transforma, o que está em processo”. É essa a antropologia situacional de Michel Agier, uma antropologia urbana da mudança social, uma verdadeira antropologia da cidade, das cidades de toda a humanidade.

Com esses esboços para uma antropologia da cidade,<sup>26</sup> Michel Agier desafia a antropologia a desenvolver o seu conhecimento sobre as cidades, esses territórios imensamente desconhecidos, a partir de dois movimentos complementares: reentrar profundamente na etnografia e expandir os seus horizontes epistemológicos para “além do âmbito da disciplina antropológica” (Introdução), de forma a que o saber antropológico seja reconhecido no conjunto das ciên-

<sup>26</sup> No original, o título do livro é *Esquisses d'une anthropologie de la ville. Lieux, situations, mouvements.*

cias que pesquisam a cidade e o urbano. A teorização urbana com base nos saberes etnográficos precisa do diálogo interdisciplinar, de certo “encaixe das escalas” com outras disciplinas (Capítulo 2). Nesse sentido, o presente livro reconcilia-nos com um saber sobre a cidade, porventura híbrido ou mestiço, que recupera a vocação universalista da antropologia, na sua variante mais processual e menos substancialista e que afirma, positivamente, a necessidade e a utilidade de uma antropologia urbana cujas fronteiras disciplinares a colocam, porventura, numa zona intersticial, entredois, *hors-lieux*, com todo o espaço para a criatividade e inovação científica.

Para finalizar, é gratificante ver que nossa ideia inicial de traduzir o presente livro<sup>27</sup> – ampliando desse modo seu acesso a leitores da língua portuguesa – tornou-se possível graças ao apoio do próprio autor,<sup>28</sup> bem como de José Guilherme Magnani, que prontamente encampou o projeto propondo ao conselho editorial da coleção Antropologia Hoje sua inclusão nesta série,<sup>29</sup> de Ivo Magnani, que auxiliou significativamente no trabalho de revisão fazendo as devidas adaptações ao português corrente no Brasil, e de Mary Lou Paris, diretora da Editora Terceiro Nome, que viabilizou a presente publicação. Deixamos a todos nossos sinceros agradecimentos.

*Graça Índias Cordeiro e Heitor Frúgoli Jr.*

<sup>27</sup> Que não teria sido possível sem o trabalho minucioso de tradução de Graça Índias Cordeiro.

<sup>28</sup> Incluindo o trâmite da permissão da publicação da obra em português junto à Bruylant-Academia S.A.

<sup>29</sup> E que realizou, em parceria com Heitor Frúgoli Jr., a revisão conceitual dessa publicação.

**Graça Índias Cordeiro** é professora no Departamento de Métodos de Pesquisa Social do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), onde tem desenvolvido a área da antropologia urbana numa perspectiva etnográfica e multidisciplinar. Coordenou, entre 2004 e 2009 o Programa Internacional de Doutorado em Antropologia Urbana (ISCTE/URV, Tarragona).

**Heitor Frúgoli Jr.** é professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e coordenador do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP). É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2005 e foi professor titular da Cátedra de Estudos Brasileiros da Universidade de Leiden (2010).

## Bibliografia

- Agier, M. *Commerce et sociabilité. Les négociants soudanais du quartier Zongo de Lomé*. Paris: IRD, 1983.
- \_\_\_\_\_. “Les savoirs urbains de l’anthropologie”. *Enquête*, Marselha, n.4, Parenthèses, pp. 35-58, 1997.
- \_\_\_\_\_. “O sexo da pobreza. Homens, mulheres e famílias numa ‘avenida’ em Salvador da Bahia”. *Tempo Social*, São Paulo, n. 2, vol. 2, Departamento de Sociologia/FFLCH/USP, pp. 35-60, 2º sem. 1990.
- \_\_\_\_\_. “Espaço urbano, família e status social: o novo operariado baiano nos seus bairros”. *Caderno CRH, Salvador*, n. 13, UFBA, pp. 39-62, dez. 1990.
- \_\_\_\_\_. “Lugares e redes: as mediações da cultura urbana”. In: Niemeyer, A. M. e Godoi, E. P. (orgs.). *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, pp. 41-63.
- \_\_\_\_\_. *L’invention de la ville. Banlieues, townships, invasions et favelas*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Anthropologie du carnaval. La ville, la fête et l’Afrique à Bahia*. Marselha-Paris: Ed. Parenthèses/IRD, 2000.

- \_\_\_\_\_. “Distúrbios identitários em tempos de globalização”. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 2, vol. 7, Museu Nacional, pp. 7-33, out. 2001.
- \_\_\_\_\_. *La sagesse de l'ethnologue*. Paris: L'oeil neuf, 2004.
- \_\_\_\_\_. “O humanitário como terreno de pesquisa” (entrevista concedida a Susana Durão). *Sociologia – problemas e práticas*, n. 50, CIES, 2006, pp. 133-50.
- \_\_\_\_\_. *Gérer les indésirables. Des camps de réfugiés au gouvernement humanitaire*. Paris: Flammarion, 2008a.
- \_\_\_\_\_. “O ‘acampamento’, a cidade e o começo da política”. In: Cordeiro, G. Í. e Vidal, F. (orgs.). *A rua. Espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008b, pp. 17-25.
- \_\_\_\_\_. “L'invite Michel Agier (idées em débats)” (entrevista concedida a Thierry Paquot). *Urbanisme – villes, sociétés, cultures* n. 370, jan.-fev./2010, pp. 71-80 (Dossier Petits riens urbains).
- Agier, M.; Castro, N. A.; Guimarães, A. S. *Imagens e identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec/L'Institut Français de Recherche Scientifique pour le Développement en Coopération, 1995.
- “Avant-propos”, *Enquête* n. 4, Marselha, Parenthèses, 1997, pp. 7-8.
- Cordeiro, G. Í. “A antropologia urbana entre a tradição e a prática”. In: Cordeiro, G. Í.; Baptista, L. V.; Costa, A. F. (orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta Ed., 2003, pp. 3-32.
- Cordeiro, G. Í.; Vidal, F. (orgs.). *A rua. Espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- Costa, A. F. da. “Identidades culturais urbanas em época de globalização”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 48, Anpocs/Edusc, fev./2002, pp. 15-30.
- Durham, E. R. “A pesquisa antropológica com populações urbanas”. In: Durham, E. R. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2004 [1986], pp. 357-76.
- Eckert, C. “Cidade e política: nas trilhas de uma antropologia da e na cidade no Brasil”. In: Duarte, L. F. D. (org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010, pp. 155-96.
- Enquête* n. 4, Marseille, Parenthèses, 1997.
- Feixa, C. *La ciudad en la Antropología Mexicana*. Lleida: Universitat de Lleida, 1993.
- Frúgoli Jr., H. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- Frúgoli Jr., H. “As experiências de rua”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS/Edusc, vol. 24, n. 71, out./2009, pp. 172-6 (Resenhas).
- Grafmeyer, Y.; Joseph, I. (dir.). *L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Aubier, 1984.
- Gulick, J. *The humanity of cities. An introduction to urban societies*. Granby-Massachusetts: Bergin & Garvey Publishers, 1989.
- Hannerz, U. *Explorer la ville. Éléments d'anthropologie urbaine*. Paris: Minuit, 1983.
- Hannerz, U. “Os limites de nosso autorretrato. Antropologia urbana e globalização” (entrevista concedida a F. Rabossi). *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, Museu Nacional, pp. 149-55, abr.1999.
- Lévi-Strauss, C. “História e etnologia” [1983]. *Textos didáticos* n. 24, Dept. de Antropologia, IFCH/UNICAMP, mar. 2004.
- Magnani, J. G. C. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo/Bauru, vol. 17, n. 49, Anpocs/Edusc, jul./2002, pp. 11-29.
- O'Donnell, J. “Cordeiro, Graça Índias & Vidal, Frédéric (orgs.). 2008. *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte (Resenha)”. *Mana*, Rio de Janeiro, vol.15, n. 1, Museu Nacional, abr./2009, pp. 301-4.
- Park, R. E. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” [1916]. In Velho, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, 4ª ed., pp. 26-67.
- Simmel G., “Digressions sur l'étranger” [1908]. In: Grafmeyer, Y.; Joseph, I. (dir.), *L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Aubier, 1984, pp. 53-60.
- Topalov, C.; Coudroy de Lille, L.; Depaule, J.-C.; Marin, B. (dir.). *L'aventure des mots de la ville. A travers le temps, les langues, les sociétés*. Paris: Robert Lafont, 2010.
- Velho, G. “Os mundos de Copacabana”. In Velho, G. (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: 1999, pp. 11-23.
- Vianna, H. “Agier, Michel. 2000. *Anthropologie du carnaval: La ville, la fête et l'Afrique à Bahia*. Marselha/Paris: Parentheses Eds. 253 pp. (Resenha)”. *Mana*, vol. 7, n. 1, Museu Nacional, Rio de Janeiro, abr./2001, pp. 165-7.

cidade poderia então começar a ser percebida como lugar por excelência da relação mais que do indivíduo. Essas duas evidências não são sobrepostas, porque o antropólogo apenas apreende a individualidade através de suas mediações. Encontra, no campo, o urbanista praticante que vê a cidade como uma aglomeração fundada para “reduzir os custos da interação” e para favorecer “a busca de conexões pouco dispendiosas”.<sup>46</sup> Ora, essa característica interacional da cidade é também, em Melvin Webber, a causa da superação de seus limites físicos: “As formas espaciais [das] interações [dos urbanos] serão sem dúvida cada vez mais díspares, cada vez menos ligadas a lugares de residência ou de trabalho, cada vez menos marcadas pelos traços ‘unifocais’ que caracterizavam as antigas cidades”.<sup>47</sup>

O desenvolvimento atual, sob os nossos olhos, das técnicas de comunicação e as mobilidades profissionais e residenciais deixam sentir uma urbanização dos modos de vida mais rápida doravante que a urbanização espacial. Desse modo, a cidade, no momento em que pode ser redefinida como um mundo de relações, encontra-se imediatamente ultrapassada por essas mesmas relações. Solidária dessa evolução, a antropologia terá dificuldade em reconstituir o conjunto de seus saberes urbanos – uma cidade antropológica, relacional e des-espacializada – em que a cidadinidade acabará por invadir os modos de vida para além dos limites físicos da cidade. Perderá, então, essa linguagem o seu vestígio urbano inicial?

<sup>46</sup> M. Webber, *L'urbain sans lieu ni bornes* [1964]. La Tour d'Aigues: L'Aube, 1996.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 110.

### 3 AS SITUAÇÕES ELEMENTARES DA VIDA URBANA\*

O passar dos dias, como o curso do mundo em geral, desenrola-se para cada um de nós num encadeamento de situações de interações que distinguimos espontaneamente de acordo com os lugares, as atividades, os horários e as pessoas que participam, ou de acordo com uma combinação específica entre todas essas determinações.

Com efeito, cada um entra numa situação e sai dela em função não tanto dos lugares e dos quadros institucionais onde se desenrola, mas do fato de ele ou ela partilhar o sentido em jogo na situação e compreendê-la o suficiente para poder entrar de uma maneira ou outra nas interações em presença – o que, seguindo alguns (Mitchell e Hannerz, principalmente), designei anteriormente como implicação situacional (*engagement situationnel*). Este condiciona a realidade vivida daqueles.

\* Este capítulo é uma versão revista e corrigida de “Momentos partilhados: a cidade relacional”, in *L'invention de la ville*, op. cit., pp. 91-9.

Podíamos dedicar-nos a distinguir as situações da vida cidadina segundo o conteúdo do seu sentido partilhado, dominante e/ou consensual. Ter-se-ia assim acesso a tipologias de situações essencialmente familiares, religiosas, profissionais, clientelistas, políticas, étnicas, “raciais” etc. Nessas tipologias possíveis, o critério para a definição é o que é percebido como objeto dominante das interações. É com esse espírito, parece-me, que Ulf Hannerz distinguiu cinco domínios de interações no interior dos quais se definiria o “repertório dos papéis” de cada cidadão: 1) o lar e o parentesco; 2) o abastecimento (trabalho, consumo, acessos aos recursos); 3) os lazeres (quando uma parte dos lazeres tem um formato autônomo do resto da vida social); 4) a vizinhança (“relações de proximidade estável”); 5) o tráfego (rua, grandes lojas etc., de acordo com Hannerz, “a forma pura de encontro entre estranhos”).<sup>1</sup> Anteriormente, outro investigador, Aidan Southall, também interessado nos aspectos informais pouco ou nada estruturados da vida urbana, tinha proposto outra classificação de domínios interacionais na cidade: 1) parental/étnico; 2) econômico/profissional; 3) político; 4) ritual/religioso; 5) recreativo.<sup>2</sup> Ulf Hannerz<sup>3</sup> comenta e discute os critérios de Southall insistindo na necessidade, segundo ele, de melhor distinguir os “repertórios” mais “específicos da cidade”, os do abastecimento e do tráfego no seu caso. Nessas duas abordagens, há, parece-me, um ponto de vista normativo incompatível com o projeto antropológico.

<sup>1</sup> U. Hannerz, 1983, pp. 136-41.

<sup>2</sup> A. Southall, “The Density of Role-Relations as a Universal Index of Urbanization”, in A. Southall (org.), *Urban Anthropology, Cross-Cultural Studies of Urbanization*. Nova York: Oxford University Press, 1973, pp. 71-106.

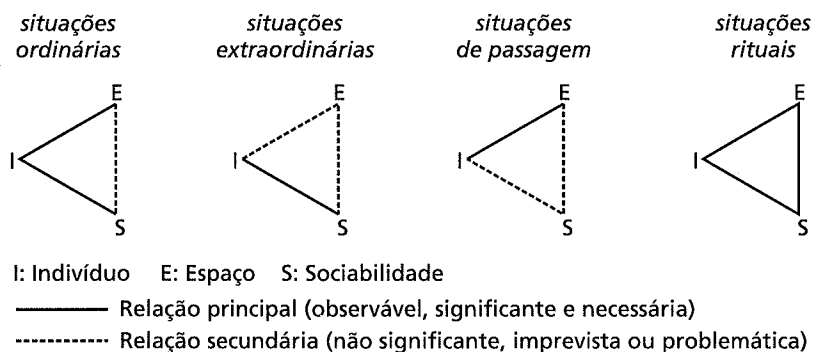
<sup>3</sup> U. Hannerz, 1983, p. 136.

Vejam, como de resto faz o próprio Hannerz, que a “diferenciação dos domínios é desigual e que varia com as formas urbanas”,<sup>4</sup> o que, dito de outra forma, significa que qualquer classificação desse tipo corre o risco de caducar e ser parcial quando se passa de um caso a outro, de uma cidade a outra, de um período histórico a outro. É o risco que corre qualquer tipologia ou classificação substancial presa ao conteúdo das relações em dado momento. A generalização e a abstração são difíceis quando se usa esse método. Poder-se-ia, com certeza, tentar aperfeiçoar a tipologia em função das evoluções recentes do conhecimento das cidades, salientando melhor, por exemplo, o peso do “domínio” (*neo*) comunitário, ou acrescentando um domínio geral, que seria o da exclusão de todos os direitos (direito ao habitat, ao trabalho, à nacionalidade etc.), incluindo aqui uma parte importante da vida de todos os que, na França, hoje são chamados os “sem-direito”. Mas, mesmo essas classificações sendo inevitavelmente efêmeras e parciais no tempo e no espaço, elas continuam demasiado simplificadoras e fazem perder a realidade plural ou ambígua de cada situação observada. Há algo de mais profundo que a matéria das interações, que pode ser menos consciente ou à qual os atores dão menos atenção: é a forma de cidadinidade que se estende em relação à cidade e em relação aos outros na cidade. Fala-se de cidadinidade no sentido de que as ações, as interações e suas representações são definidas a partir de uma dupla relação: a dos cidadãos entre si e a deles com a cidade como contexto social e espacial. Essas relações podem mudar em cada implicação situacional (*engagement situationnel*). Com efeito, nesse estado da reflexão, o fato de interessarem mais

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 138.

as situações do que as estruturas tem como finalidade não somente revelar realidades “até agora apercebidas como estando marcadas por uma fluidez aestruturada”,<sup>5</sup> mas, sobretudo, tentar responder à pergunta: o que define a dimensão relacional da cidade hoje? Que trama social urbana responde às ideologias da atomização e do individualismo urbanos, que situações são vividas relativamente às fraturas e à fragmentação sociais e espaciais, ao acantonamento, à exclusão ou à estigmatização identitária?

Quatro grandes formas ou tipos de situação permitem descrever os diferentes momentos da relação dos cidadãos com sua cidade e dos cidadãos entre si, na cidade; são: situação ordinária, extraordinária (ou ocasional), situação de passagem e ritual. Para tornar a descrição mais visível, podemos imaginar um triângulo cujos vértices representariam respectivamente o indivíduo, o espaço e a sociedade (ou, mais precisamente, a socialidade, a eficácia de um laço social). Vemos que esses pontos são interligados de um modo diferente de acordo com o tipo de situação em causa.



<sup>5</sup> A. Southall, “Introduction”, in id. (ed.), *Social Change in Modern Africa*. Londres: Oxford University Press, 1961, p. 25.

As situações ordinárias põem em jogo duas relações – indivíduo/ espaço e indivíduo/sociedade –, sem que se possa falar de uma relação clara e permanente espaço/sociedade. As interações de que falamos são regulares, ou mesmo necessárias, sendo, geralmente, localizadas. Assim, a oficina (ateliê), a linha de produção, o escritório ou ainda o estaleiro (sendo, esse último, mais precário) são espaços delimitados que se encontram diariamente, com hábitos (relações sociais de trabalho, um canto para si etc.), “truques” e artimanhas para escapar dos constrangimentos e recriar certa autonomia; são lugares que podem eventualmente tornarem-se familiares. Contudo, nem todas as relações de trabalho são unifocais – aliás, cada vez menos o são –, e a mobilidade dos lugares de trabalho cada vez mais é reforçada, inclusive, pela mobilidade e mesmo pela instabilidade profissional. Não há, assim, nesse caso, uma relação simples, permanente e duradoura entre um lugar e uma atividade social; entre, por exemplo, o trabalho como relação indivíduo/sociedade e a relação indivíduo/ espaço de trabalho. O mercado aberto como encontro repetido dos vendedores entre si e com certos clientes fiéis, as relações entre os habitantes de vãos de escada dos edifícios de subúrbio são, aliás, situações ordinárias relativamente previsíveis. No bairro da Liberdade em Salvador, os encontros regulares de bandos de amigos nas esquinas advêm desse mesmo hábito e favorecem certa ligação ao lugar. O que nos ensinam essas situações? É nelas que se pode, sem dúvida, melhor observar os efeitos de pertença institucional (rotina dos funcionários ou dos assalariados de uma fábrica) e os efeitos de lugar (os mundos que circundam o espaço doméstico: avenidas, pontes, *vecindades*, *rôji*<sup>6</sup>). O que não exclui, certamente, a pos-

<sup>6</sup> Ver Capítulo 4.

sibilidade de imprevistos sobre os mesmos lugares. Além disso, falta definir, caso a caso, o respectivo peso dos efeitos de lugar ou institucionais e dos efeitos de rede na vida cotidiana; esses podem estar no centro de situações ordinárias, no sentido de que criam certos hábitos sociais (redes de trabalho, redes de amizades, bandos etc.) mas podem ser móveis pela cidade.

As situações extraordinárias, sejam elas acidentais, raras ou simplesmente imprevistas, acionam códigos e ligações na relação indivíduo/sociedade sem que o espaço desempenhe um papel estável. A relação de um acontecimento imprevisto com o espaço é fortuita ou, ao menos, não é fixa. As reações a uma violência, a eclosão de um movimento de greve, as atitudes perante um acontecimento natural, uma doença, uma briga de rua, são situações ocasionais na medida em que alteram por um tempo o curso normal da vida cotidiana e não são determinadas fundamentalmente por uma localização fixa. Mas, sobretudo, vividas por cada um em função de circunstâncias únicas, essas situações só adquirem um sentido social se forem objeto de um mínimo de interpretação e comunicação entre os atores em presença e se puserem em ação alguns elementos identificáveis da ordem social, a qual é contestada, perturbada ou, às vezes, ameaçada numa situação extraordinária.<sup>7</sup> Uma situação imprevista desenrolou-se entre as pessoas do bairro

<sup>7</sup> Ver F. Bouillon, V. Baby-Collin, C. Bénit, D. Vidal, "Imprévu, mixité, rencontre", in E. Dorier-Apprill e P. Gervais-Lambony (orgs.), *Vies citadines*. Paris: Belin, 2005, pp. 129-48. Uma análise de acontecimentos políticos locais, criando uma situação particular, caracterizada por sua separação da ordem social normal, permite a Mathieu Hilgers propor uma abordagem de situações que têm como enquadramento a cidade no seu conjunto (M. Hilgers, *Une ethnographie à l'échelle de la ville: Urbanité, histoire et reconnaissance à Koudougou* (Burkina Faso). Paris: Karthala, 2009).

zongo de Lomé no Togo na sequência de um roubo importante cometido contra um *mai gida*, grande comerciante, dono de redes comerciais haussa. Por um lado, durante vários meses, uma série de boatos sobre a identidade e a imoralidade do ladrão (um jovem muito próximo do comerciante) foi acompanhada de outros comentários sobre os valores indispensáveis ao bom funcionamento das redes comerciais ("confiança", "verdade", definição da relação de dependência entre os donos e os seus "filhos"), mostrando que uns iam a par dos outros. Por outro lado, a busca do ladrão, os confrontos com o comerciante roubado, com adivinhos, depois com a polícia, assim como a procura do dinheiro furtado, deram lugar à uma mobilização *in situ* e, por conseguinte, a uma notável eficácia da rede social próxima ao dono. O que nos ensinam tais situações? Primeiro, parece-me, a apreender fenômenos fluidos, incertos, inacabados, que escapam ao olhar demasiado preocupado com as estruturas materiais e institucionais, precisamente porque se podem desenrolar *a priori* em qualquer lugar. Em seguida, ver se esses acontecimentos dizem a mesma coisa ou coisas diferentes das situações comuns a propósito da vida relacional nas cidades. Resta saber se há espaços, momentos, ou até cidades, mais propícios ao imprevisto que outros.

As situações de passagem põem em cena principalmente a relação indivíduo/espaço, no sentido de que são marcadas ao mesmo tempo pela individualização (falta de uma relação pessoal e visível com as mediações sociais) e por uma sinalização espaço-temporal dos percursos, que indica uma presença indireta das macroestruturas da sociedade como constrangimento indiferenciado e cego, encarnado em sinalizações, publicidades, instruções de segurança e de circulação etc. Nas situações de passagem, a relação do indivíduo com o



espaço urbano é central e pode ter um caráter de regularidade, mas aparece geralmente como um exercício isolado: é o quarto de hotel, é o transeunte solitário, mas são também os momentos de trânsito em automóvel, caminhão, trem, avião, em espaços de circulação, ruas, rodovias, estações e aeroportos. Entrar numa situação de passagem é atravessar os não lugares, percorrer algumas extremidades da cidade “global” e “genérica” definida pela vasta rede de espaços miméticos, superinformados e tecnicamente conectados em diferentes pontos do planeta. Nessa situação, a relação de ego com a sociedade não se cristaliza em nenhuma relação interpessoal precisa; fica suspensa, mergulhada num excesso de materialidade (espaços muito arranjados). Menos solitários, no entanto, são os jovens nos transportes públicos, nos ônibus em Salvador ou em certas linhas do R.E.R.<sup>8</sup> regressando à noite para os subúrbios do norte de Paris. Os espaços públicos de transporte são, por vezes, como uma extensão do bairro e de seus bandos. Uma linha de transporte territorializada, a linha do bonde seguida pela do ônibus nº 8 (Linha 8), na Bahia, ia e vinha da Liberdade: “havia sempre música”, conta um habitante do bairro. “Se alguém te incomodasse, a propósito de nada, dizia que estava na Linha 8, da Liberdade, e as pessoas te tratavam sempre com certo respeito.” Mais ainda, os trens das *townships*, na África do Sul, perderam progressivamente o seu anonimato e transformaram-se em espaços de cultura política.<sup>9</sup> Os espaços de solidão são, às vezes, investidos por grupos efêmeros. Noutros momentos, o indivíduo circula com a sua unidade social elementar, ora em seu automóvel com sua família nuclear, ora de

<sup>8</sup> A Réseu Express Régional – R.E.R. – é uma rede ferroviária integrada ao metrô que serve Paris e sua região suburbana. (N. T.)

<sup>9</sup> Ver Capítulo 8.

ônibus com seu grupo. Só os transeuntes realizam percursos em que cada um individualmente, por si, cada cidadão, se sente por um momento entre dois: entre casa e trabalho, entre sua casa e a de um parente, entre a casa de um familiar e a de um amigo. Para quem está em trânsito, o sentido não é dado em função do trajeto: de onde vêm e para onde vão?, já que não posso definir a situação se estou apenas eu e o espaço de trânsito, sem outra informação. “Mas quem o obriga a dar sentido a tudo isso que só foi feito para ser atravessado? E depressa, de carro.”<sup>10</sup> A partir daí, o não lugar e a não rede tornam-se realidades temporais sensíveis, sem interação nem sentido partilhado, apenas perceptíveis pelas mediações técnicas do lugar atravessado. Duas nuances devem ser referidas. Primeiro, da mesma forma que se entra nas situações de passagem, também se sai delas. O planeta-cidade, com seus espaços anômicos e suas tecnologias em rede, é mais ou menos extenso conforme as cidades, mais ou menos acessível segundo as classes sociais e mais ou menos funcional segundo os percursos cotidianos individuais (trabalho, lazer etc.). Depois, resta examinar mais sistematicamente as potencialidades dos lugares públicos: como nascem aí laços sociais transitórios e expressões culturais?<sup>11</sup>

Por último, as situações rituais são marcadas por uma distância do cotidiano regrado de acordo com diversas formas liminares (inversão, perversão, travestimento, criação de um mundo imaginário). Num espaço delimitado e apropriado, o tempo de um acontecimento ritual, de um encontro, é simbolizado entre

<sup>10</sup> F. Maspero, *Les passagers du Roissy-Express* (fotografias de Anaïk Frantz). Paris: Seuil, 1990, p. 30.

<sup>11</sup> Uma das características da cultura das cidades é, precisamente, um imaginário baseado nos espaços de transição, entre dois cruzamentos. Ver Capítulo 7.

indivíduos e um coletivo, visível ou não. A unidade indivíduo-espaço-sociedade faz-se de maneira efêmera. De um modo geral, fala-se de festas, danças, carnaval ou ainda ritos religiosos. Uma ordem específica de relações e de identidades só se torna possível pela definição consensual da situação como momento de liminaridade. A dança de Kalela, estudada nos anos 1940 por J. C. Mitchell no Copperbelt – em Luanshya, uma cidade mineira fundada em 1920, na atual Zâmbia –, é um exemplo típico dessa situação.<sup>12</sup> A dança é realizada pelos membros de um mesmo grupo étnico (Bisa), cujos cantos valorizam a origem e ridicularizam as outras etnias. Põe em cena caricaturas de brancos (um médico, enfermeiras e diversas pessoas “bem vestidas” à ocidental). É uma dança de imitação e ironia racial ou competição interétnica?, interroga J. C. Mitchell perante essa situação ritual. A análise das relações raciais, do tribalismo, do regionalismo, do trabalho e da urbanização na (ex-)Rodésia do Norte permite compreender como certos papéis de brancos simbolizam localmente uma subida de estatuto entre os africanos urbanizados em competição no mercado de trabalho do Copperbelt. Se a dança de Kalela exprime efetivamente uma identidade étnica, não é, por conseguinte, como sobrevivência das organizações do meio tribal rural, mas enquanto forma de categorização social urbana no universo de relações intra-africanas do Copperbelt. A dança de Kalela é um dos primeiros casos etnográficos a mostrar que os fenômenos étnicos urbanos existem em si mesmos, e não como subprodutos derivados da etnicidade rural supostamente mais

<sup>12</sup> J. C. Mitchell, *The Kalela Dance, Aspects of Social Relationships among Urban Africans in Northern Rhodesia*. Manchester: Manchester University Press, 1956, tradução francesa in *Enquête*, n. 4 (“La ville des sciences sociales”), 1997, pp. 213-43.

autêntica. Com suas próprias invenções de papéis e os seus disfarces, esse tipo de situação é o lugar privilegiado de elaboração e de aplicação de estratégias identitárias coletivas, mesmo que a cidade ao redor proponha outras formas de classificação social. Identidades efêmeras, inconstantes (entre as quais as produzidas por certos movimentos neoétnicos urbanos, por exemplo) são criadas ao mesmo tempo que mostradas e contrariam os efeitos atomizantes das organizações da cidade e do trabalho.

A importância atual das situações rituais na vida urbana deve-se também ao fato de que são o lugar de um deslocamento da atividade propriamente ritual para uma criação artística, fazendo surgir as “artes de rua”. Entre o rito e a performance, a relação é estreita e a progressão pouco perceptível. No primeiro caso, trata-se de exprimir uma força, uma identidade ou uma visão sobre um modo de comunicação simbólico partilhado pelo público; este recebe e responde à mensagem numa relação direta, cara a cara. A dimensão estética está presente no rito, mas de maneira implícita ou escondida. Com a especialização dos atores rituais, por um lado, e o alargamento do público-alvo, por outro, quando o ator passa de sua rua ou de seu lugar à cena ou estrado separado da rua, mesmo que de maneira efêmera, a performance tende a uma atividade mais estética do que ética, na qual a forma da criação perdura, se estiliza, e toma eventualmente o lugar da mensagem inicial, trazendo uma renovação de sentido em função dos novos quadros sociais.<sup>13</sup> A própria cidade, tal como é vivida nesse momento, vê-se transformada nos ritmos e nas ocupações dos seus espaços.

<sup>13</sup> Ver o Capítulo 8. Ver também M. Agier e A. Ricard, “Introduction”, in *Les arts de la rue dans les sociétés du Sud, Autrepart*, n. 1 (Les arts de la rue dans les sociétés du Sud), La Tour d’Aigues, IRD e L’Aube, 1997, pp. 5-14.

Esses quatro tipos de situações representam o quadro de compreensão mais concreto e, simultaneamente, o menos falso da cidadania. Em sua própria inconstância, essas situações fazem parte da realidade a partir da qual nós interrogamos o sentido dos diferentes momentos da vida relacional, cultural e política dos cidadãos.

## II LUGARES E FRAGMENTOS: A CIDADE EM PROCESSO